



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

# **A IMPORTÂNCIA DO AFETO NO PROCESSO EDUCATIVO DA CRIANÇA**

Salvador – Bahia

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**MARIA ANETE MARÇAL DE SOUSA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao colegiado do curso de pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal da Bahia como requisito para a obtenção do grau de Licenciado Pleno em Pedagogia, orientado pelo Prof<sup>o</sup> Miguel Angel Bordas.

Salvador – Bahia

2010

**MARIA ANETE MARÇAL DE SOUSA**

**A IMPORTÂNCIA DO AFETO NO PROCESSO  
EDUCATIVO DA CRIANÇA**

BANCA EXAMINADORA:

---

**( Orientador FAGED/UFBA )**

---

**( Banca examinadora FAGED/UFBA )**

Salvador – Bahia

2010

Agradeço primeiramente a Deus, por sua infinita bondade e amor para comigo e por ter me ajudado a chegar até aqui.

Ao meu anjo bom, Nando, que tanto me encorajou com firmeza, acreditando em mim e a quem retribuo tanto afeto recebido.

À minha mãe D. Marina, por entender e apoiar-me nesta caminhada acadêmica, por acreditar em meu sucesso enquanto filha e estudante, enquanto pessoa em formação.

As minhas queridas irmãs e amigas: Lúcia Saiba, Neu e Neura por todo o incentivo e compreensão e por confiarem em mim e no meu esforço em querer ser uma pessoa melhor a cada dia. Aos meus queridos irmãos pelo apoio!

As minhas sobrinhas e sobrinhos pelo carinho a mim direcionado em todo esse percurso, por compreenderem a minha falta de tempo, para brincar, conversar, em fim, dar-lhes mais atenção.

Aos meus irmãos espirituais, que são muitos, graças a Deus! Grata a todos (as) pelas orações e confiança a me direcionada.

As minhas colegas de curso, especialmente a Sorai Benício, pelo companheirismo e apoio durante essa caminhada de formação.

A todos os professores da Faculdade de Educação (FACED / UFBA) que partilharam comigo de seus conhecimentos da melhor forma, e em especial ao Prof<sup>o</sup> Miguel, por ter me orientado e mais que isso, por ter me acolhido com tão grande afeto, por ter me ensinado a desenvolver a arte de pensar com liberdade e prazer.

Agradeço a todos vocês que me ensinaram que a vida pode e deve ser sempre melhor, e que a busca pelo conhecimento deverá ser sempre uma escolha livre e prazerosa.

“Ser livre é ter um caso de amor com a própria vida.”

( Augusto Cury )

## Qual é...

O dia mais belo? – Hoje...  
A coisa mais fácil? – Equivocar-se...  
O maior obstáculo? – Medo...  
O maior erro? – Abandonar-se...  
A raiz de todos os males? – Egoísmo...  
A distração mais bela? – Trabalho...  
A pior derrota? – Desalento...  
Os maiores professores? – Crianças...  
A primeira necessidade? – Comunicar-se...  
De mais feliz a se fazer? – Ser útil aos demais...  
O maior mistério? – A morte...  
O pior defeito? – O mau humor...  
A pessoa mais perigosa? – A mentirosa...  
O sentimento pior? – O rancor...  
O presente mais belo? – O perdão...  
O mais imprescindível? – Orar...  
O caminho mais rápido? – O correto...  
A sensação mais grata? – A paz interior...  
A expressão mais eficaz? – O sorriso...  
O melhor remédio? – O otimismo...  
A maior satisfação? – O dever cumprido...  
A força mais potente do universo? – A fé...  
As pessoas mais necessárias? – Os pais...  
A coisa mais bela de todas? – O amor...

( Madre Teresa de Calcutá )

## RESUMO

A abordagem do texto traz a baila importante pontos a serem considerados, tais como: a formação da afetividade na criança desde a sua vida intra-uterina, apresentando as fases de desenvolvimento do ser e a construção gradativa do seu desenvolvimento cognitivo e emocional, além de refletir a questão da importância da família neste processo de formação do sujeito, apresentando os modelos de família que existem atualmente, a escola, como ambiente do aprender e a sua responsabilidade social, na questão da aprendizagem significativa, traz em discussão, a pessoa do professor como agente facilitador e mediador da aprendizagem, e a pessoa do aluno como sujeito do processo e não puro objeto do mesmo. Traz também uma pequena reflexão sobre a importância de uma boa acolhida no espaço escolar para que o aluno sinta-se livre para aprender e desenvolver suas habilidades intelectuais, emocionais e cognitivas. Deixa em evidencia a afetividade como elemento essencial para um aprender saudável, que acomoda as emoções, produz auto-estima, autoconfiança, autocontrole do ser aprendente, além de desenvolver a confiança em suas relações inter e intrapessoais.

**PALAVRAS - CHAVE:** emoção, afetividade, professor-aluno, aprendizagem significativa e família.

# SUMÁRIO

1 Justificativa	8
2 Objetivos	9
2.1 Geral	9
2.2 Específicos	9
3 Metodologia	10
4 Introdução	11
5 CAPÍTULO I	13
5.1 Emoção e afetividade na aprendizagem	13
6 CAPÍTULO II	17
6.1 O papel da escola e a sua importância para a construção do afeto na criança	17
6.2 A importância da afetividade na relação professor-aluno	20
6.3 O aluno – Sujeito do processo de aprendizagem	23
7 CAPÍTULO III	27
7.1 A importância da afetividade na família para a formação do sujeito	27
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

# 1. JUSTIFICATIVA

Trouxe como abordagem principal desta produção, o tema sobre a afetividade no processo educativo da criança e conseqüentemente em sua formação enquanto sujeito, enquanto pessoa em construção, por acreditar que só é possível promover uma boa educação, uma educação significativa, se for pautada no afeto. Acredito que esse tema nos leva a refletir acerca da nossa prática em sala de aula, mais especialmente da nossa postura, enquanto agentes facilitadores e mediadores da relação educativa.

Em minha pequena experiência de pouco mais de três anos de sala de aula, pude identificar, que há certa carência em relação às manifestações da afetividade neste espaço, e que os professores muitas vezes são os principais responsáveis em alimentar essa postura resistente em relação à abertura às relações afetivas.

Neste texto intenciono apresentar não uma solução, uma receita pronta, ou guia para educadores que assim como eu trilham por esses caminhos do ensinar, mas, simplesmente, levantar a reflexão para possíveis tomadas de decisões de nossa parte educadoras e educadores que somos, de que, os nossos alunos aprendem melhor, ou seja, desenvolvem uma aprendizagem significativa, se for com liberdade e segurança a partir do acolhimento e afeto em que são proporcionados no ambiente escolar.

E coloco, não seguindo a uma ordem rígida, mas, compreendendo que é de fator primordial em se tratando do ambiente escolar, a pessoa do professor como o primeiro referencial para aluno, porque é na troca, na relação afetiva, no contato um com o outro que a aprendizagem acontece e as relações se solidificam, representando para a criança, valorização pessoal, equilíbrio de suas emoções e satisfação em aprender a aprender. A criança se desenvolve melhor, ou seja, avança em seu processo de aprendizagem, quando se sente valorizada, acolhida, respeitada em suas diferenças, em seus modos de vida.

Neste trabalho, trago a baila a questão da importância que a família desempenha neste processo de formação do sujeito, porque é lá no ambiente familiar onde acontecem as primeiras trocas afetivas na relação com outro, mãe – bebê, pai - filhos e irmãos – irmãs, dentre outros. Ressalto também, que atualmente existem outros modelos de família que não se limita somente no modelo nuclear. Porém, a questão fundamental do discurso é sobre a afetividade e o que ela produz de resultados satisfatórios quando bem proporcionada pelos



pais ou responsáveis pela criança no que diz respeito à formação da auto-imagem da mesma.

Uma criança amada, conseqüentemente será uma pessoa equilibrada emocionalmente, feliz em suas relações com outro e consigo mesma, terá mais confiança em si mesmo e nos outro e apresentará resultados positivos em seu processo de aprendizagem durante todo o seu percurso escolar.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 GERAL:**

- Possibilitar aos educadores e educadoras, uma maior reflexão acerca da importância da afetividade nas relações sociais, especialmente nos ambientes: escola e família.

### **2.2 ESPECÍFICOS:**

- Identificar os pontos de maior relevância na relação professor-aluno, e a interligação entre a aprendizagem e a afetividade em sala de aula.
- Discutir o papel da família e a sua importância na construção da afetividade e personalidade da criança.
- Analisar a importância da afetividade na formação do sujeito e do seu desenvolvimento cognitivo.

### 3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a elaboração deste texto foi através de estudo e pesquisa de cunho bibliográfico, analisei, através dos autores pesquisados, os pontos de maior relevância em seus discursos sobre o tema a que se propõe neste trabalho, e as semelhanças entre si, sobre a questão da importância da afetividade na formação educativa da criança.

Busquei através da leitura destas obras aperfeiçoarem os meus conceitos acerca do tema e solidificar as minhas idéias transformando-as em discurso, no discurso apresentado nesta produção. O exercício do estudo minucioso das obras pesquisadas levou-me a não só refletir, ou analisar a questão da afetividade como catalisador no processo de desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, como me motivou a repensar e modificar a minha prática de educadora em sala de aula.

Escolhi alguns autores que na minha concepção, melhor falam a respeito da relação afetiva no comprometimento da formação cognitiva do ser e, conseqüentemente, do desenvolvimento na aprendizagem. São estes: Wallon(1668 e 1981), Vigotsky (1991), Gardner (1995), Galvão (1995), Antunes (1996), Chalita (2001), Rossini (2001),Tiba (2007), e alguns periódicos como: FUNDASINUM (2007) e A e E ( 2010) e a coleção em DVD, Grandes Pensadores – Carl Rogers.

## 4. INTRODUÇÃO

A questão da afetividade no processo de formação do sujeito tanto cognitiva, motora e educativa, vem ao longo da história sendo tema de debate de muitos centros de estudos. Há uma imensidão de bibliografia que trata deste assunto sobre a importância da afetividade no processo educativo da criança, na prática pedagógica do professor (a) e no processo de conhecimento do ser cognoscente.

Desde a vida intra-uterina, o bebê necessita de afeto para que possa equilibrar-se no espaço ambiente do útero e no campo da emoção. A preocupação de dar afeto aos pequenos deve ser alimentada e praticada principalmente na família e na escola. Não pode haver separação entre amar e educar, os dois atos devem ser elementos essenciais de uma prática pedagógica positiva.

A afetividade deve acompanhar todo o processo de crescimento intelectual, emocional, cognitivo e motor do ser humano. Pois, não somente as crianças necessitam de afeto, como também os adolescentes, os jovens, os adultos e os idosos. É uma necessidade natural do ser humano que se manifesta muito cedo ainda no período da vida intra-uterina, no seio materno, pois, estudos mostram que as crianças que recebem amor deliberadamente dos pais e parentes ainda na barriga da mãe responde a esses estímulos com gestos que sinalizam prazer e bem-estar.

Desta forma, não podemos, dissociarmos razão e emoção se aprendeu racionalmente, porém envolvidos emocionalmente de sentimentos afetivos. A criança desenvolve melhor e mais rapidamente a sua cognição, a sua capacidade de criar e produzir, mediada pelos sentimentos de afeto a ela direcionados pelos pais e familiares e posteriormente pelos professores e colegas.

A criança espera encontrar na escola um ambiente que seja parecido com o ambiente familiar, de alguma forma a escola precisa dar esse retorno de confiança a este ser. Porém se na família dessa criança é ausente às práticas afetivas, mesmo assim é na escola e principalmente na pessoa da professora ou professor e de tantos outros colaboradores deste espaço, que a criança irá reclamar atenção e afeto.

Segundo Wallon (1668), a emoção é o primeiro e o mais forte vínculo que se estabelece entre o bebê e a pessoa do ambiente que lhe seja próxima. Assim sendo, o outro tem um papel de relevante importância na construção das formas de expressão emocional, das quais as crianças vão se apropriando.

Nesta relação afetiva que se estabelece com outro, a criança se auto-afirma, ou seja, adquire confiança em todas as etapas de desenvolvimento ou estágios de desenvolvimento no campo da aprendizagem e da cognição. Essas trocas significativas acontecem nas relações de interação interpessoais que abrem espaço e dão lugar para as manifestações de afeto.

De acordo com o pensamento walloniano, no decorrer de todo o desenvolvimento do indivíduo, a afetividade tem um papel fundamental. Tem a função de comunicação nos primeiros meses de vida, manifestando-se basicamente, através de impulsos emocionais, estabelecendo os primeiros contatos da criança com o mundo.

Através desta interação com o meio humano, a criança passa de um estado de total sincretismo para um processo de diferenciação, onde a afetividade está presente, permeando a relação entre a criança e o outro, constituindo elemento essencial na construção da identidade. Da mesma forma é também e ainda através da afetividade que o indivíduo acessa o mundo simbólico, originando a atividade cognitiva e possibilitando o seu avanço. São os desejos, as intenções e os motivos que vão mobilizar a criança na seleção de atividades e objetos, onde o conhecimento do mundo objeto é feito de modo sensível e reflexivo, envolvendo o sentir, o pensar, o sonhar e o imaginar.

O desenvolvimento infantil para Wallon é dividido em estágios e observa-se que, em sua psicogênese, em cada um desses estágios a criança estabelece um tipo de interação tanto com o meio humano como com o físico. Em cada fase do desenvolvimento, os aspectos afetivos e cognitivos estão em constante entrelaçamento. Onde, a criança acessa o mundo simbólico por meio das manifestações afetivas que permeiam a mediação que se estabelece entre ela e os adultos que a rodeiam. De acordo com Wallon (1981) “a afetividade é a fonte do conhecimento.”

Dessa forma, faz-se necessário que o educador (a) atento a essa prerrogativa se atentem em proporcionar um clima afetivo no espaço da construção coletiva, da comunidade pensante, que é o espaço da sala de aula. E assim, não somente na sala de aula como em todo espaço escolar, é necessário plantarmos o afeto no coração das crianças de hoje, um dia essa sementinha irá crescer e se torna uma árvore saudável e cheia de vida. Quem dera que um dia nossos alunos, aprendam na escola, no espaço da sala de aula, juntamente com a sua professora (o) a amar e ser amado incondicionalmente.

## 5. CAPÍTULO I

### 5.1 EMOÇÃO E AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM

*Cada um de nós compõe a sua história. E cada ser em si carrega o dom de ser capaz de ser feliz.*

ALMIR SATER ( 1956 )

Há uma vasta lista em nossa literatura, de definições acerca dos conceitos sobre a afetividade, de um modo geral sempre relacionado ao campo dos sentimentos do que é sentido e vivenciado nas relações, desta forma, sempre que nos reportamos a afetividade, logo teremos outras palavras como sinônimas, como amor, afeto, sentimento e emoção. Porém, quando nos referimos ao campo emocional estamos logicamente nos direcionando para a área biológica do ser humano, que se trata da área física, mais diretamente do corpo e de suas impressões e reações acerca das experiências vividas no cotidiano pelo indivíduo.

Desde o ventre materno a criança precisa sentir afeto, ou seja, necessita sentir que é amada e bem vinda, querida pelos pais e familiares. Alguns estudiosos acreditam que ainda no ventre materno, o bebê sente fortemente o fenômeno da afetividade, através do toque da mãe ou do pai, de uma palavra afetuosa, de um carinho sobre a barriga, uma música ouvida, mesmo quando essa criança ainda não tenha desenvolvido sua estrutura neurológica e física, ela poderá sentir essas manifestações através de sua intuição. De acordo com a Dr<sup>a</sup> Renate Jost que é Psicóloga e fundadora do método ADI/TIP (Abordagem Direta do Inconsciente – Terapia de Integração Pessoal ) na FUNDASINUM:

Entendi que a criança em gestação tem a sua área intuitiva plenamente desenvolvida. Assim, a criança em gestação conhece realidade que o adulto não conhece e que não pode ser conhecida pelo pensamento racional, isto é, quem os conhece é a área intuitiva da mente, mas ela normalmente se mantém em nível inconsciente e é apresentada através e conforme o raciocínio a descreve, o que significa uma racionalização do verdadeiro conteúdo e da realidade dos fatos.

A criança não aprende somente quando crescida que pode já dominar a fala, instrumento de comunicação que indica condições favoráveis para o processo de aprendizagem, desde muito pequena ela inicia o processo de aprendizagem através dos vários elementos simbólicos da comunicação humana. Ou seja, um gesto, uma

demonstração de afeto, uma mímica ou qualquer outro movimento, direcionado aquele indivíduo tem um objetivo de passar uma mensagem, que a criança mesmo antes do domínio da fala e escrita, consegue absorver.

A criança, desde a primeira infância segundo Wallon (1981, p. 41), percebe e descobre o mundo físico por meio da afetividade, ou seja, o recém-nascido, mesmo antes de instituir uma relação no sentido de conhecer, descobre o mundo físico e permanece por um período voltado a si mesmo, é como se estivesse preparando para desenvolver habilidades para posteriormente interagir com o outro, com o mundo em sua volta.

A criança dependerá muito do esforço de seus pais em oferecer-lhe condições favoráveis afetivas e efetivas, para o seu desenvolvimento pleno emocional, afim de que possa se sentir segura em seu desenvolvimento cognitivo e posteriormente em suas relações interpessoais e intrapessoais. É importante que os pais se atentem nesta fase dos primeiros estágios do desenvolvimento infantil para os cuidados em relação a construção do caráter da criança e de sua personalidade.

Segundo a teoria walloniana, o desenvolvimento do ser, ocorre através de fases ou estágios progressivos com a presença alternadamente afetiva e cognitiva, cada fase é marcada por atividades próprias de acordo com a sua interação com o meio externo. As etapas são enumeradas em cinco características, proposta pela psicogenética walloniana, sendo elas:

- *Estágio impulsivo – emocional*, essa etapa é caracterizada no primeiro ano de vida do bebê, onde acontece as primeiras interações da criança com o adulto e o meio externo, por meio da emoção, por meio de manifestações afetivas. É onde a criança experimenta as tentativas de comunicação que a priori se dão por meio dos gestos, das expressões das mímicas.
- *Estágio sensório – motor e projetivo*, que vai até o terceiro ano de vida é marcado pela “presença do ato mental, que “projeta-se” em atos motores” (GALVÃO, 1995, p.44). A reação da criança se volta ao campo sensório- motor do mundo físico, a criança desenvolve por meio do autodomínio na relação com os objetos em sua volta, a função simbólica e da linguagem, porém nesta fase, ainda é necessário o uso dos gestos como facilitador para a comunicação e construção dos primeiros conceitos mentais.

- *Estágio do personalismo*, como o nome mesmo já sugere, é a fase da formação da personalidade infantil, que vai dos três ao seis anos de vida da criança, marcada pelas relações interpessoais que muito influenciam no desenvolvimento do seu campo afetivo. Nesta fase, a criança gosta de estar na presença dos adultos e de outras crianças, é nesta interação de troca de sentimentos que ela entra em um novo estágio de maturação do conhecimento.
- *Estágio categorial*, que é marcado pelo interesse pelo mundo externo, vontade de conhecer e de saber o significado das coisas que a rodeia. Podemos dizer, que são os primeiros esforços da criança em ler o mundo ao seu entorno, é nesta fase que acontece um grande avanço na área da inteligência, da construção da consciência, por meio dos esforços cognitivos.
- *Estágio da adolescência*, nesta fase acontece a quebra, como uma ruptura da tranquilidade afetiva presente nos estágios anteriores, pois é nessa fase onde acontece os fenômenos hormonais, a mudança no corpo e no comportamento. Há uma nova tentativa do indivíduo em construir ou reconstruir a sua formação pessoal, seu caráter, comportamento, emoções e sentimentos de ordem afetiva.

Como vimos às etapas ou estágios do desenvolvimento infantil segundo Wallon, são marcados por aspectos afetivos, mais correspondentes a subjetividade do sujeito e outros objetivos correspondentes a área da cognição do ser. Ambos os aspectos, formam o que Wallon denominou de “predominância funcional” do ser humano que irão auxiliar na formação do caráter afetivo da pessoa. De acordo com GALVÃO (1995, p. 45.):

A dominância do caráter afetivo e, conseqüentemente, das relações com o mundo humano, correspondem às etapas que se prestam à construção do eu (...). A distinção entre o *eu* e o *outro* só se adquire progressivamente, num processo que se faz nas e pelas interações sociais.

A afetividade é um conjunto de fenômenos psicológicos, marcados pelas sensações de prazer ou dor, alegria e tristezas, emoções diversas que surgem ou vão surgindo na relação com o outro, desta forma, é nas relações de trocas, de conhecimentos, de experiências, que a criança irá desenvolver sua afetividade. A criança necessitará dessa experiência com o outro, para formar o seu caráter, sua identidade e sua personalidade.

É no espaço familiar, onde primeiramente ela sentirá o afeto, se a família cujo essa criança está inserida, busca desenvolver comportamentos afetivos, logo, será fácil vislumbrarmos futuramente um adulto confiante em suas decisões, com boa auto-estima e equilibrado emocionalmente. Do contrário, uma família que não sabe amar e nem demonstrar esse afeto, é muito provável que a criança em formação também não saberá administrar sentimentos afetivos posteriormente no decorrer do seu crescimento e de sua formação humana.

A criança precisa encontrar um ambiente que lhe seja favorável para o desenvolvimento de sua aprendizagem, um espaço que se sinta confiante e feliz. Aprender, conhecer, descobrir, conquistar, aventurar-se, deve ser atividades prazerosas, dosadas por muito afeto, pois é impossível pensarmos em aprendizagem sem afetividade, esses dois componentes da formação do ser, estão intrinsecamente ligados, de forma que não poderão ser dissociados neste processo de formação do conhecimento pela criança.



## 6. CAPÍTULO II

### 6.1 O PAPEL DA ESCOLA E A SUA IMPORTÂNCIA PARA CONSTRUÇÃO DO AFETO NA CRIANÇA

*Aprende homem, no refúgio!  
Aprende homem, na prisão!  
Mulher na cozinha aprende!  
Aprende sexagenário!  
Tens de assumir o comando!  
Procura a escola, tu que não tens casa!  
Cobre-te de saber, tu que tens frio!  
Tu que tens fome, agarra o livro, é uma arma!  
Tens de assumir o comando!*

*BERTOLT BRECHT (1898-1956)*

A escola constitui – se o ambiente visto pela sociedade como espaço para o aprender, mesmo sendo apenas um dos vários lugares onde a aprendizagem acontece. Porém os pais esperam da escola que ela própria composta por todos os seus membros, eduque os seus filhos para a vida social. De acordo com CHALITA (2001): “As instituições de ensino não representam o único espaço possível de desenvolvimento da aprendizagem, mas que é o esteio do processo educacional. O processo de aprendizagem ocorre de múltiplas maneiras e em múltiplos lugares”. Desta forma, é possível entendermos que embora a escola não seja o único lugar para que a educação aconteça, ela sempre será vista como o lugar do aprender.

A criança, quando chega ao espaço escolar espera ser acolhida, ela dependerá da boa recepção e acolhida dos membros da mesma para que possa se sentir segura. Principalmente nas primeiras séries, a questão da não adaptação ao ambiente escolar, pode constituir-se um problema grave que leva o aluno (a) a angústias e pode gerar insegurança. Portanto, todos os funcionários da escola devem ser agentes facilitadores deste processo de aprendizagem, sobretudo, devem manter uma boa relação de respeito e de afeto com o alunado.

Partindo deste pensamento, verificamos a real necessidade da participação de todos, tanto dos professores e membros do corpo de funcionários da instituição como da família

que devem apresentar os mesmos objetivos, ou seja, os mesmos interesses, demonstrando afetividade para que a criança possa ter condições favoráveis e seguras para o desenvolvimento escolar.

A escola tem o papel de promover condições por múltiplas vias de aprendizagem para as crianças. Deverá partir do pressuposto de que ela não é uma ilha isolada em si mesma, porém envolta por muitos fatores sociais, culturais, econômicos, políticos e religiosos que obriga a mesma, a sair da posição de transmissora dos saberes para uma condição de agente ativa do conhecimento.

A escola tem a função de proporcionar a formação social do aluno, ela o educa para a sociedade, funciona também como espaço sócio-cultural que forma o sujeito para interagir-se com o outro, respeitando os seus limites seus modos de viver, respeitando suas diversidades.

Não podemos conceber por escolas como simplesmente um sistema que visa educar os alunos através dos conteúdos programáticos ou até mesmo através das normas e regras adotadas pela instituição. Mas, por um sistema que recebe da sociedade uma multiplicidade de elementos (inputs), e a devolve como produto de sua atuação (outputs). Sendo os elementos de entrada, o conteúdo cultural, professores, recursos humanos, recursos financeiros, recursos matérias e alunos. Enquanto os de Saída (outputs) é a melhoria do nível cultural da população, aperfeiçoamento dos indivíduos, formação de recursos humanos, resultados de pesquisas dentre outros.

A escola existe para cumprir o seu papel social, de formação permanente na construção do homem – cidadão, que desempenhe seu papel cívico, político e econômico.

A escola como função social tem que proporcionar ao aluno uma formação baseada nos valores e na ética social. É evidente que, quando o aluno chega à escola a mesma já tem pronto o seu projeto de educação, ou seu Projeto Político Pedagógico (PPP), um currículo pronto ou pré-determinado. Porém, cabe aos educadores e todo o corpo docente da instituição, preparar outro currículo aberto a outras demandas afim de que possam encaixar os temas transversais, a música, a arte e outros.

É sabido que muitos alunos conseguem aprender com mais facilidade e liberdade quando podem exercer as suas inteligências múltiplas que segundo Gardner são sete sendo elas: inteligência lingüística, inteligência lógico- matemática, inteligência corporal sinestésica, inteligência espacial, inteligência inter pessoal, inteligência intra pessoal,

ganha um destaque especial a inteligência musical e as mais recentes, a inteligência pictórica e a inteligência naturalista.

Muitos alunos aprendem mais e melhor quando cantam ou quando estão em atividades artísticas, fazendo desenhos e pintura, expressando por meio deles, seus sentimentos e emoções. Nós temos que ter uma escola que eduque para o bom, ou seja, para o que é bom, para a felicidade, uma felicidade que se conquista na construção do conhecimento partilhado. É um processo conjunto.

Segundo GARDNER (1995, p.26), “A escola tem a função de educar para a compreensão”. Ou seja, a finalidade da educação escolar é a de formar cidadãos plenos capazes de entender o movimento cíclico das coisas, da natureza, da sociedade e da própria vida.

A educação do futuro com certeza será aquela capaz de formar seres pensantes, mas, sobretudo críticos, seres capazes de governar a si mesmos e não deixarem ser governados pelos outros. A escola nesta direção tem essa missão maravilhosa, quase que divina de formar o homem e instruí-lo não para que seja um livro ambulante, mas, de educá-lo e levá-lo aos mais altos patamares do conhecimento científicos e humanos, a missão de formar autores de suas próprias histórias.

A escola atual, ou seja, a escola do Séc. XXI da Era Digital, de fato, tem um compromisso ainda maior com a sociedade na garantia do seu trabalho, pois não importa, a sua condição, pública ou privada, comunitária ou de ONG (Organização Não Governamental), agora o desafio é o mesmo para todas, o de navegar no mundo tecnológico, e utilizar os seus recursos para garantir mais dinamismo e interatividade em sua rotina.

A internet permitiu a busca livre e indiscriminável de informações, atualmente os alunos dessa geração digital, vivem e respiram a net, ou seja, está em rede de relacionamentos o tempo todo, que são de várias denominações, comunidades, blogs, orkuts, twitter dentre outros. As crianças estão cada vez mais, cedendo aos apelos dos brinquedos eletrônicos, aos games, os jogos virtuais, celulares, música digital e, assim estão sendo formadas nesta Cultura Digital e por ela desenvolve um apetite voraz.

Neste contexto, a escola deverá apresentar uma ação pedagógica alinhada com esse “novo tempo” digitalizado, sob pena, de “engrossar os altos índices já diagnosticados de déficit de atenção e/ou hiperatividade, bem como depressão e apatia dos alunos do ensino básico” (Revista. Atividades e Experiências, janeiro 2010)

A tecnologia, porém, não a isenta de cumprir o seu dever de educar os seres humanos, para os valores: morais e éticos, de educar para a vida.

## **6.2 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR – ALUNO**

*“Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.*

PAULO FREIRE

A relação do ensinar e o aprender transcorrem a partir de vínculos entre as pessoas que se inicia no espaço familiar. A base desta relação vincular é afetiva, pois é através de uma forma de comunicação emocional que a criança mobiliza o adulto, garantindo assim os cuidados de que necessita. O vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem. Pois a criança necessita de viver essa relação de amor, principalmente em seus primeiros meses de vida e terá sempre que ser acompanhada em seu crescimento rodeada de afeto.

Sendo assim, é a partir da relação com o outro, através do vínculo afetivo que, nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim, conquistando avanços significativos no âmbito cognitivo. Nesse sentido, torna-se importante para a criança que também no espaço da sala de aula ela encontre este sentimento afetivo e a figura do professor torna-se elemento fundamental para esse vínculo.

A afetividade em sala de aula não se restringe apenas em um beijo, abraço ou boa tarde, bom dia etc. A relação professor – aluno será positiva se o professor assumir a condição de agente facilitador deste processo, mas sobretudo de parceiro, de mediador de companheiro da aprendizagem. Relação esta que deverá ser baseada no respeito ao outro, as suas diferenças culturais e econômicas.

Segundo Carl Rogers, fundador da terapia não-diretiva que defendia a idéia de que o professor deve liberar o caminho para que o estudante aprenda o que quiser, ele nos apresenta uma nova pedagogia onde a denominou de “pedagogia experiencial”, ou seja, uma pedagogia centralizada no aluno e para o aluno. Onde o professor terá que desenvolver além de outras ações facilitadoras na atividade de ensinar, a escuta sensível que de fato, se coloca como primordial, pois o professor precisa ter paciência de escutar o

seu aluno sempre que for necessário, se colocar na mesma altura do aluno, olhar nos olhos do aprendiz para que o mesmo sinta-se respeitado e acolhido.

A escola quando recebe esse aluno, recebeu-o como uma pessoa inteira com as suas nuances e não somente o aluno enquanto puro objeto, mas, o ser, enquanto pessoa em formação, em construção perene.

Segundo FREIRE (1920, p. 65):

Algo que não nos é estranho a educadores e educadoras. Quando saio de casa para trabalhar com os alunos, não tenho dúvida nenhuma de que, inacabados e conscientes do inacabamento, abertos à procura, curiosos, “programados, mas, para aprender”, exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e de ensinar, quanto mais sujeito do processo nos façamos.

Desta forma o professor deve se colocar na posição de organizador do trabalho, ou mesmo o mediador e facilitador do processo de aprendizagem, onde possa estimular o aluno a andar com suas próprias pernas. A missão do educador é a de formar um cidadão participativo, cidadão pleno, onde o exercício da criticidade deverá ser elemento chave para as tomadas de decisões do pensar e do agir.

Mas, não é só isso, a missão ainda se estende, no sentido que o professor deve ter o compromisso de formar pessoas equilibradas e felizes, além de competentes, isso só será possível se o professor deixar-se conduzir pelo prazer de ensinar e de aprender, pois se o professor pára de aprender, logo, pára de ensinar.

Segundo CHALITA (2001, p. 149), o professor deverá criar um clima de amizade na relação com o aluno:

Professor tem de ser amigo do aluno, é um imperativo, e disso não se pode abrir mão nem fazer concessões. O professor só conseguirá atingir seus objetivos se for amigo dos alunos. E se for amigo verdadeiro, terá todo o respeito porque um amigo respeita o outro. Se não for amigo, poderá se impor pela ameaça, abusando da prerrogativa que a posição de professor lhe confere o poder de dar uma nota baixa ou de reprovar o aluno. Respeito não se impõe, conquista-se. E a amizade com os alunos é essencial. Sem afeto não há educação.

Desta forma, urge a necessidade de que os professores que trabalham principalmente com crianças nas séries iniciais, Educação Infantil ou no Ensino Fundamental, se atentem para esta prerrogativa, na sala de aula o professor, a professora, é o líder, naquele momento é o

referencial, muitas vezes para o aluno, ele ou ela ocupará não só o lugar de mestre, mas, de amigo, e as vezes de mãe de pai.

O professor não pode descuidar-se de sua saúde física e emocional, pois para dar afeto, para transmitir amor, é preciso que sinta afeto que viva o afeto. Como poderá adoçar o ambiente de trabalho, a sala de aula com afetividade se por algum motivo se senti bloqueado para tal ação? Existe um ditado popular que diz “ninguém pode dar o que não tem”. Por isso o educador tem que está cheio, repleto de afeto para doar-se no exercício do educar, pois, só se educa bem, quem realmente conhece o amor.

Segundo TIBA (2007, p.31):

Desta forma, a personalidade saudável é um bom alicerce para a capacitação profissional, que reverte ao social, em excelência de qualidade de vida. É a pessoa que qualifica a profissão, e não o contrário. A educação é um grande catalisador na absorção da cultura, nem tanto o inverso. É por tudo isso que o velho dito popular “ Quem ama cuida” tem de ser aposentado, para dar lugar ao novo: QUEM AMA EDUCA!

A profissão do educar, de ser professor, exige entrega e dedicação, por isso, não se pode escolher essa área, por exemplo, alguém que não gosta de educar crianças, que diz não ter paciência etc. só fará um excelente trabalho de ensinar, de alfabetizar, de formar, quem tem prazer no que faz e se realiza com o crescimento do outro, que se felicita com a felicidade da conquista do seu alunado. A afetividade deve ser o ingrediente principal teste prato tão especial chamado “educação”, por isso, o educador não pode negligenciar à sua prática, a sua atuação, se, se escolheu educar pessoas não pode fingir que ensina o resultado de um trabalho forçado ou por obrigação, gera insucesso e infelicidade para ambas as partes: professor e aluno.

Quem não se recorda daquele professor ou daquela professora que te fez sonhar um mundo melhor? Ou, que te ensinou valores importantes como respeitar as pessoas e dizer sempre obrigado. Quem não se lembra daquele mestre por quem seu coração palpitava forte quantos vos falava de pertinho, numa conversa quase de ouvido? São essas questões que se levantam neste trabalho, a questão da afetividade que nos acompanha em nosso processo escolar desde as séries iniciais.

Pois, todos nós, independentes da idade, do sexo, da raça, necessitamos de amor de nos sentir amados, o cuidado afetivo é aquele que acolhe que abraça que traz para o regaço de um colo, que se cumprimenta com um, com dois, com três beijos, é aquele que não tem medo de olhar nos olhos. É deste amor, que nossas crianças precisam, não o amor efetivo, que só cuida e dar o necessário, que se preocupa somente com o aspecto assistencialista se assim podemos dizer.

### **6.3 O ALUNO - SUJEITO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

*“Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar, vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar.”*

( Cantiga de roda popular )

Antes de adentrarmos ao tema em questão salientaremos que o aluno é antes de tudo, uma pessoa em processo de construção e formação, do seu caráter, de sua personalidade e ações. O aluno é sujeito participativo neste processo e não objeto, sendo sujeito, ele é o agente principal do seu próprio desenvolvimento e através do meio ele aprende, através de sua interação com o ambiente ele busca desenvolver as suas aptidões e suas principais habilidades.

Segundo FREIRE (1996) em sua obra “Pedagogia da Autonomia” onde propõem uma nova pedagogia para a emancipação do sujeito, ele critica os métodos tradicionais e conservadores onde coloca o aluno na posição de uma tábua rasa, matando por assim dizer no educando, a curiosidade, o espírito investigador, a criticidade e a expressividade, que segundo o autor, o aluno “é sujeito e não puro objeto do conhecimento”. O aluno é dotado de capacidades para aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e a prender a conviver.

Os educandos e os educadores juntos formam uma comunidade pensante, e desta forma, realizam em sala de aula uma tarefa comum, a tarefa da autocrítica, da investigação, havendo assim um intercambio intelectual entre o professor e o aluno. O aluno a partir desta relação de interação ocupa o lugar de sujeito da sua própria aprendizagem, atuando

de modo inteligente, em busca da compreensão do mundo que o rodeia, criando e coordenando relações entre os acontecimentos e os objetos pelos quais interagem, ou seja, o aluno passa a compreender e dar sentido ou significado pelo que aprende nas condições em que aprende.

O aluno quando chega à escola, não chega sozinho, traz consigo toda a sua história de vida e conjuntamente os seus saberes adquiridos nesse percurso. Por isso, a atenção que se deva direcionar a essa pessoa pequena de estatura, porém, muitas vezes enorme de conhecimentos, deve ser importantíssima, pois o aluno precisa de um ambiente em que se sinta acolhido e valorizado, para que possa estar aberto a todas as formas de saberes. Devemos levar em consideração que aprendemos ao longo de toda a vida, o conhecimento não tem um fim determinado, não há tempo próprio para aprender, a hora de aprender é a toda hora, é aqui e agora.

A aquisição da aprendizagem seja ela no campo da linguagem, da comunicação, da fala, da leitura, ou do raciocínio lógico matemático, contagem, agrupamento dentre outras aprendizagens, ocorre no tempo diferente de um aluno para o outro. Em uma mesma sala de aula, alguns alunos aprender, por exemplo, a ler e escrever, logo nos primeiros meses do seu primeiro semestre letivo, enquanto outros só irão desenvolver essa capacidade, no final do segundo semestre, e existem ainda um terceiro grupo, que não conquistarão essa habilidade, mesmo tendo o ano todo como aliado.

Por isso, é que a palavra de ordem para o educador que quer ver o seu aluno crescer é “inclusão” porque o aluno pode não está favorável para a leitura naquele momento, mas poderá estar para a atividade de artes: desenhar, pintar, modelar um vaso usando a argila, poderá estar para o teatro, ou mesmo para o jogo, para o movimento, uma dança etc. segundo GARDNER (1995),” o ser possui várias inteligências” é nesse caminho que percorreremos neste momento, tomando como referência, os estudos do Gardner sobre a questão das Inteligências Múltiplas.

Segundo GARDNER ( 1995 ), as pessoas possuem diferentes tipos de inteligências e que a inteligência é responsável por nossas habilidades para criar, resolver problemas e fazer projetos, inseridos em uma determinada cultura em um determinado contexto pessoal. De acordo com ele, cada indivíduo possui diversas capacidades ou habilidades que



caracterizam a sua inteligência, ou inteligências, visto que nos seus estudos, identificou a presença de várias inteligências em um mesmo sujeito. Ou seja, uma pessoa pode ser um ótimo cantor e tocador de um instrumento musical e ao mesmo tempo um excelente matemático dentre outros.

As inteligências segundo o autor estão distribuídas e organizadas em sete componentes, sendo elas:

- *Inteligência Lingüística*, que é capacidade de saber utilizar a linguagem oral e escrita para a comunicação em diversos níveis e estruturas (semânticas e sintaxe) essa inteligência é muito presente nos poetas, oradores, jornalista, publicitários, vendedores e também em todos os professores especialmente os que lecionam disciplina como, por exemplo, português e literatura.
- *Inteligência Lógico – matemática*, é muito presente essa habilidade, nos matemáticos, físicos, cientistas, advogados e todos os estudantes que se identificam com a área de exatas, pois como sugere o nome, essa é uma característica de pessoas que são muito boas em lógica, matemática e ciências. Geralmente, presente nos alunos que possuem uma capacidade de raciocínio lógico e consegue muito facilmente resolver problemas envolvendo números, símbolos e elementos matemáticos.
- *Inteligência Espacial* corresponde à habilidade de utilizar o espaço de forma inteligente, de relacionar padrões espaciais, de promover mudanças na estrutura espacial utilizando diferentes formas e instrumentos. Essa é uma habilidade presente nos engenheiros, navegadores, pilotos de formula 1, jogadores de xadrez, arquitetos, também presente em cirurgiões.
- *Inteligência Musical*, essa é um tipo de inteligência que toda pessoa pode ter, porém, não se caracteriza somente no cantar, muito pelo contrário, as pessoas com essa inteligência, são ótimos músicos, não tem dificuldade em ler partituras em organizar tons e notas musicais, sabem o tempo melódico de cada marcação em uma determinada música, sabem também compor e daí a presença da inteligência lingüística associada ao trabalho do músico nas atividades de composição.

- *Inteligência Corporal – sinestésica*, está presente nos artistas de circo, bailarinos, atletas, mímicos, pois é a habilidade de utilizar o corpo e movimentos corporais para a resolução de problemas ou para comunicar algo.
- *Inteligência Interpessoal* é a capacidade de compreender outras pessoas, compreender o que as motivam, compreender o seu jeito de ser, para melhor se relacionar com elas. Essa é uma competência presente nos terapeutas, psicólogos, líderes políticos é desenvolvida também pelos professores.
- *Inteligência Intrapessoal* é a capacidade de moldagem de sua própria personalidade, a sua auto-estima, autocontrole e equilíbrio das emoções, para poder resolver e solucionar problemas de ordem pessoal e profissional.

Recentemente Gardner, apresentou uma oitava inteligência, a **naturalista** que é bem características das pessoas que amam o meio ambiente e que desenvolvem diferente trabalho neste campo em geral, e que está muito presente nos paisagistas e jardineiros. Existe também uma abordagem acerca da oitava inteligência, porém não mencionada por Gardner, que seria a inteligência **pictórica**, que é bem representada por pessoas que adoram atividades de artes gráficas e desenhos gráficos em geral.

Saber como o aluno aprende e quando aprende, não é mais uma questão para os testes tradicionais de QI (Quociente Intelectual) que não conseguem obter bons resultados devido a ausência de elementos onde possa explorar outras inteligências, como nos mostra bem os estudos sobre as “inteligências múltiplas” do indivíduo, mas, apenas uma questão de sensibilidade para percebermos que somos todos diferentes e desde pequenos demonstramos com nossas escolhas e preferências, tais diferenças. Na questão da aprendizagem é o mesmo fenômeno, pois um aluno será diferente do outro e optará mais por um assunto que outro e vice-versa de acordo com as suas inteligências.

Desta forma, cabem ao professor atento as habilidades peculiares de cada criança, desenvolver na rotina de sala de aula, tarefas diferenciadas em relação ao conteúdo e a dinâmica com que se utilizará para executar determinadas atividades, pois esse é o espaço propício onde acontecem as trocas de saberes de experiências, as trocas afetivas, as discussões e interações. Porém, essa não deverá ser uma responsabilidade somente do professor, essa tarefa de explorar as inteligências individuais dos seus alunos, deverá ser

uma missão de toda e qualquer escola que de fato se comprometa com a tarefa de educar para vida, para a felicidade, para o bem, para o que é bom.

## 7. CAPÍTULO III

### 7.1 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA FAMÍLIA PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO

*Para ser grande, sê inteiro: nada  
Teu exagera ou exclui.  
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
No mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive.*

( RICARDO REIS )

Para se referir ou discutir a importância da família na formação do sujeito, cabe-nos antes situá-la no tempo e no espaço. Atualmente, encontramos muitos modelos de famílias, onde a família nuclear, não funciona mais como modelo único e padrão, é comum hoje encontrarmos vários outros modelos de uniões amorosas, de homens e mulheres, que são denominadas de “famílias modernas”. Sendo assim, esta instituição, vem sendo motivo de debates, por se tratar de um dos temas mais atuais relativos à sociedade contemporânea, sendo comprovadamente observado através dos meios de comunicação de massa.

A família tem o papel de acolher a criança e promover individuação e pertencimento, independente de qual tipo de família a criança pertença. A família tem que viabilizar relações pautadas na afetividade e no adequado desempenho de papéis, devem educar os filhos para a sociedade, ou seja, ensinando-lhes a respeitar as regras, as normas sociais e éticas. A educação familiar, em hipótese alguma, poderá ser substituída pela educação escolar, ambas são necessárias para a formação da criança, porém a família não pode se eximir do seu papel educativo que é fundamental para a construção desse sujeito aprendente.

A criança busca em sua família, o alicerce onde possa depositar total confiança, ela busca como ponto de referência a pessoa do pai e da mãe. O ambiente familiar deve então proporcionar a esta criança condições favoráveis para que possa se desenvolver de forma saudável psicologicamente e emocionalmente.

Portanto, uma criança que cresce em um ambiente de discórdia, pode sofrer as conseqüências em sua fase de adolescência e desembocar comportamentos violentos e agressivos. Os pais devem proporcionar aos seus filhos sobre tudo, um educar saudável para a sociedade, ou seja, o dever dos pais é ajudar os seus, na formação de uma consciência crítica e cidadã. Segundo TIBA (2007, p. 51):

Os pais têm que ser coerentes entre si e não permitir que os seus filhos façam em casa o que não poderão fazer na sociedade; ao contrário, devem exigir que já façam em casa o que terão de fazer fora de casa. Têm que ser constantes, isto é, uma vez dito um não, este não deve ser mantido, não se transformando mais tarde em um sim. Pois quem quebra a disciplina dos filhos geralmente são os pais que não agüentam manter um não diante da pressão dos filhos. Castigos não educam.

Uma educação doméstica calcada no amor é de suma importância para o desenvolvimento infantil, pois os filhos têm a necessidade de se sentirem queridos, amados, pertencidos aquele lar, tem que sentir que foram desejados e planejados. A receita para uma boa relação entre pais e filhos, ou avó e neto, ou tia e sobrinho, seja lá quem for o responsável pela criança é o diálogo afetuoso, e não mais os castigos severos e surras de nada adiantam, não ajudam na tarefa do educar.

Segundo CHALITA (2001, p. 21):

A família é uma instituição em que as máscaras devem dar lugar à face transparente, sem disfarce. O diálogo é necessário. Se em outros tempos bastava um olhar severo para se corrigir o comportamento, hoje se vive na era do “por quê”. E com razão. A família autoritária perpetua a sociedade autoritária. Faz permanecer na mente de seus membros os ideais de obediências e submissão, de cópia, sem questionamento acerca dos padrões estabelecidos. O indivíduo que somente aprende a obedecer não estará preparado para a sociedade complexa deste novo milênio.

Os filhos deste novo milênio carecem de mais amor, de mais atenção dos pais ausentes, devido ao trabalho exagerado, da busca pelo “ter” deixando de lado o “ser”. O computador, a televisão, o vídeo- game, todos os jogos eletrônicos, os “Playstation” dessa

era digital, jamais substituirá a presença diária dos pais, dos responsáveis pela criança, ou adolescente e até mesmo do jovem e do adulto. Pois, os filhos de um modo geral se espelham nos pais, e copiam os seus comportamentos, suas condutas, suas formas de vidas, de ver a vida e reproduzem.

A família tem uma responsabilidade ímpar, no que tange a formação do caráter dos seus, a responsabilidade de educar para a vida, para os desafios da sociedade, de educar nos valores éticos e morais. De formar um sujeito - cidadão, um ser consciente de seu papel social, um ser crítico, que seja capaz de questionar a sua própria existência e ser autor de sua própria história.

A afetividade familiar de acordo com ROSSINI ( 2001,p.17 ), deverá se basear em três aspectos importantes, que são: “limites, mitos do cotidiano e ritmos.”

- *Limites* são necessários nessa tarefa de educar, pois significam amor e dedicação, é sinal de maturidade da parte dos pais e responsáveis pela criança, e não pode ser confundidos com proibição ou severidade, nada disso. O limite é sinal de afeto, e é notadamente percebida pela criança como presença de amor. Os pais que de fato se preocupam em oferecer, uma boa formação para os seus filhos, dão limites, sem culpa, sem remorsos. É muito importante que os responsáveis pela criança, se atentem bem cedo, em começar a estabelecer algumas regras de convívio em casa, o que pode, o que não pode e por que não pode, para as crianças ainda pequenas, para que cresçam respeitando as normas, as formas de conduta, o espaço do outro. Os pais tem que saber dizer um “não” quando necessário, com amor e afeto.
- *Mitos do cotidiano* são os “mitos” do dia-a-dia, do cotidiano da criança, aqui não nos referimos aos grandes mitos da humanidade. Mas, aos costumes, as tradições de cada família. É muito significativa e importante para a criança a reunião da família no almoço de domingo, as famílias não podem deixar que se percam esse costume, a visita a casa dos avôs. A casa das avós deve voltar a ser novidade para os netos, mas, infelizmente esse espaço atualmente, está se transformando na casa permanente dos netos, por questões de mudança nos papéis sociais de pais e mães dessa sociedade contemporânea, o hábito de ler história antes do filho ou filha dormir, de ensinar aquelas brincadeiras que faziam a cabeça de qualquer criança em

tempos atrás, ensinar a confeccionar brinquedos, etc. Nossas crianças estão amadurecendo muito rápido, estão se transformando em adultas precocemente por falta desse esforço dos pais em ressuscitar esses “mitos” que elas adoram.

- *Ritmos é algo que é inerente as espécies, tudo na natureza obedece a um movimento rítmico e cíclico. Com a espécie humana não é diferente, desde pequenos entendemos que obedecemos a ritmos. O ritmo gera segurança enquanto a falta dele gera a insegurança, pois, uma criança precisa entender desde muito cedo, à hora de fazer isso, à hora de fazer aquilo, hora do banho, hora de ir à escola, hora de almoçar, hora de dormir. A rotina estabelecida em casa pelos pais, deve ser sustentada na íntegra, não poderá ser quebrada, sob pena de desestruturar o que já está fixado e equilibrado emocionalmente, na rotina diária da criança, pois, é muito provável que a criança ficará insegurança e frustrada com o rompimento do que antes era estabelecido.*

Desta forma, obedecendo a essas regras básicas, para uma proposta afetiva de educação no ambiente familiar, a criança desenvolverá sua autoconfiança, autodomínio, auto-estima, e se tornará um sujeito saudável de um modo geral.

De acordo com ROSSINI (2001, p.42):

Precisamos de pais que realmente desempenhem o papel de pai e mãe com firmeza. Que estejam prontos a atender os filhos em suas necessidades básicas sem protecionismo, atentos às diferentes fases evolutivas pelas quais seus filhos passam.

A maneira como cada criança é educada em seus lares influencia muito no seu processo de aprendizagem na escola. Desta forma, urge a necessidade de que cada mãe e pai, ou qualquer outra pessoa responsável pela criança, de fato, se coloque comprometidos nessa grande tarefa de educar para amor. As nossas crianças precisam vivenciar o amor, para agirem no amor, ao invés das brigas, das agressões, da violência, das drogas, elas possam criar, conquistar, encantar, vislumbrar, brincar, comemorar o dom da vida de forma intensa.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos a esse ponto final do trabalho, e o que de fato, importa neste exato momento é que, tudo o que foi exposto sobre “A importância do afeto no processo formativo e educativo da criança” é que o mesmo tenha conseguido nos atingir de forma a entendermos que a educação só acontece se, e somente se, for regada por essa “água especial” chamada afetividade. É de total interesse deste trabalho, que os educadores e educadoras, compreendam que a aprendizagem acontece no momento em que deixarmos que nossas crianças experiencie situações de liberdade, alegria e prazer no ambiente escolar.

A proposta maior deste, é que enquanto facilitadores e mediadores do processo de aprendizagem, consigamos atingir por meio do afeto, as áreas mais internas da emoção dos nossos alunos. Pois, o que podemos notar, é que, é cada vez maior o número de crianças depressivas, violentas e agressivas, crianças entristecidas, carentes de afeto e com dificuldades diversas de aprender. É evidente que existem muitas causas para tais problemas, mas consideramos a questão da afetividade elemento essencial para um crescer saudável.

E pensar em uma educação ideal para as nossas crianças, é pensar em uma educação afetiva, onde o aprender seja promovido em um palco de respeito às diferenças de pensar de cada um, respeito às diferenças culturais, respeito a condição econômica de cada criança. Essas prerrogativas devem ser concebidas, para que o desenvolvimento do ser por completo, aflore no espaço da sala de aula, precedido pelo espaço do lar. Ambos os lugares, devem perpetuar uma aprendizagem significativa, dosada no afeto.

Trazemos a importância da família para este contexto, pois é lá o primeiro lugar onde este ser inicia-se a relação de diálogo e convivência com o outro, é na família que a criança aprende a obedecer as regras e limites. Percebemos que atualmente essa instituição social, sofreu várias transformações, mudaram-se os modelos de família, agora, não somente os pais são responsáveis diretos pelos filhos, como qualquer outro membro da família, principalmente as avós, hoje, há uma inversão dos papéis sociais dos homens e mulheres, em que ninguém respeita mais o outro, onde não se respeita mais as regras

estabelecidas em que pai e mãe, ocupavam um lugar que é único e insubstituível na vida de uma criança.

A criança reflete a educação doméstica que recebeu em casa e chega à escola com vários tipos de comportamentos cada um demonstram a importância que aquela determinada família direciona ao aspecto afetivo ou não. Crianças que não são amadas, respeitadas pelos seus familiares, serão muito provavelmente, alunos com dificuldades de relacionamento e de aprendizagem.

É neste cenário que o professor-educador está inserido com a responsabilidade de promover o aluno a uma educação que extrapolem os limites da escola. O papel deste profissional é, sobretudo, difícil, pois sabemos que é necessário que o mesmo, passe em primeira instância, pela barreira da baixa remuneração e desvalorização da profissão, afim de que possa realizar o seu trabalho da melhor forma, que possa promover a valorização dos pequenos, o respeito, o companheirismo, a dedicação e o afeto para que a educação aconteça.

Se o professor (a), amar o que faz se respeitar as diferenças dos seus alunos, com certeza ele entenderá que só existem grandes alunos, por que também existem grandes professores verdadeiros heróis da educação. Para finalizarmos, tomaremos como referência as palavras de ANTUNES (1996, p.29)

Temos clara percepção de que existe ainda muito a aprender, e há serena humildade de reconstruir passos vacilantes. Não nos empolga qualquer vaidade pioneira; movimenta-os apenas a certeza de que é possível construir uma escola mais justa, trabalhar por um jovem mais completo, modelar o amanhecer de uma autêntica esperança.

Já é tempo de mudança, e essa transformação começa primeiramente em nós educadores. Ame incondicionalmente os seus alunos!



## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto* – São Paulo: ed. Gente, 2001.

TIBA, Içami. *Quem ama educa: formando cidadãos éticos*. Ed. Atual – São paulo Ed. Integrare, 2007.

WALLON, H( 1668 ). *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: edições 70.

WALLON, H (1981). *Psicologia e Educação da criança*. Lisboa; Universidade.

VIGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Coleção Leitura.

GARDNER, Howard. *A criança pré-escolar – como pensa e como a escola pode ensiná-la*. P. Alegre, Ed. Artes Médicas, 1995.

FUNDASINUM – *Fundação de Saúde Integral Humanística*. Publicação ANO 6, nº 36 – Novembro e Dezembro, 2007.

GALVÃO, Izabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil* / Izabel Galvão – Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

A e E (*Atividades e Experiências*), Ano 11, nº 10, janeiro / 2010 Ed. Positivo, periodicidade: trimestral. Curitiba (PR).

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. *Pedagogia afetiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.  
Coleção Grandes Pensadores – *Carl Rogers*, ATTA (mídia e educação)DVD/Vídeo.

ANTUNES, Celso. **Alfabetização Emocional**. São Paulo: Terra, 1996.